

Stadium

N.º 55 / 22 de Dezembro de 1943



ATLETICO-BELENENSES

José Pedro chegou tarde para dificultar a defesa a sócio de Armando Jorge

(foto Nunes d'Almeida)

1\$50

A II Divisão Nacional

EMITIMOS já a nossa opinião de conjunto acerca da estrutura do campeonato nacional da II Divisão. É a mesma dos outros anos. Apenas há de novo a possibilidade de entrada de nova associação regional, no caso do vencedor da prova pertencer à associação que não faça parte do grupo das «oito», que detém ainda, nesta época, o exclusivo da I Divisão. É realmente pouco como expressão de progresso para o futebol.

No resto, que é no final quasi tudo, continua-se na mesma — com a preocupação do número, em contraposição com o valor dos concorrentes. A fórmula subsiste, pois, na íntegra — muitos clubes, ainda que sejam fracos. E o sistema a adoptar deveria talvez residir na fórmula oposta — poucos, mas bons. De modo geral, entram no torneio oitenta e tal clubes. A movimentação promovida por tão elevado número de concorrentes alarga-se a todo o país, com excepção dos distritos de Bragança e Guarda. Mas o campeão de Vila Real mantém-se no mesmo sítio — à espera da luta nas séries, e outros movimentam-se apenas na repetição dos campeonatos regionais, sempre com os mesmos clubes e com perspectivas quasi idénticas, sem despertar o interesse do público, e muito menor o seu entusiasmo.

O torneio divide-se, fundamentalmente, e como de costume, em competição preliminar e torneio de apuramento final. O grosso da coluna, quanto ao número de concorrentes, não passa dos preliminares. Fica por aí — em despesas e em contacto com grupos de melhor nível de jogo. A fase do interesse começa no torneio de apuramento final, com eliminação sucessiva, até dar dois clubes em cada um dos grupos A, B e C. Os vencedores das sub-séries do Alentejo (Beja e Évora) e Algarve (Faro) marcam passo, nessa altura, pois ficam isentos. Os oitavos de final movimentam, pois, 16 clubes. Tanto os quartos de final, como as meias finais, disputam-se dentro de zonas, e grandes regiões. Se se fizesse uma «poule», a duas voltas, com os oito clubes dos quartos de final, o torneio ganhava, sem dúvida, mais emoção.

Chegamos, assim, à fórmula dos poucos, mas bons. A II Divisão só corresponderá à sua missão, como pretexto de movimentação e progresso para os clubes do segundo plano, e como defesa para a descida para os clubes da I Divisão, quando tiver o mesmo número de equipas concorrentes. Actualmente, um clube que, no grupo dos «oito», perca um campeonato regional, fica numa situação de contraste flagrante — em escassês de receitas. Com a II Divisão formada pelo mesmo número de clubes, não haveria grande prejuízo. Teria mesmo receitas. Mas o desnível seria muito menor, comparado com o que lhe pode suceder agora. Supomos, por tudo isto, que deve valer a pena tentar a experiência,

NOTAS & COMENTÁRIOS

A União Velocípédica Portuguesa completou, na semana passada, 44 anos de preciosa existência. É a mais antiga das federações portuguesas. Vem de quando o desporto não tinha ainda expansão bastante para justificar um largo movimento federativo. Mas de um tempo em que o ciclismo nacional contava excelentes valores individuais, que brilharam em Portugal e no estrangeiro. Vem dos melhores tempos, em suma. A U. V. P., que passa a ter outra designação a partir de 1 do próximo mês de Janeiro — Federação Portuguesa de Ciclismo — realizou trabalho de grande relevo, na direcção e propagação do ciclismo. Recordando com saudade o seu passado, fazemos votos pelo seu futuro.

CONTINUA a série dos aniversários. O Sporting de Espinho é o clube que segue... Completou 28 anos. Ganhou, neste ano, o campeonato distrital de Aveiro, em futebol, a reatar a tradição dos seus grandes triunfos no popular desporto. E detém um recorde curioso — o da permanência de um indivíduo no lugar de presidente da direcção! Moreira da Costa tem tantos de presidente como os que o Espinho conta de existência! É um dos segredos da sua expansão, mesmo nos momentos de crise.

Ao Espinho, com os nossos parabéns, os desejos de longas prosperidades.

JOAQUIM LEOTE, comodoro efectivo do Clube Naval de Lisboa, é ainda uma figura de destaque, tanto no seu clube, ao qual tem prestado notáveis serviços, como também, entre os clubes adversários. Há pouco tempo, fêz, na «Brigada Naval», uma conferência sobre o remo, que foi e é um excelente trabalho de história e propagação do remo.

Joaquim Leote comemorou há dias as suas «Bodas de Ouro» de actividade desportiva — como praticante e como dirigente. O Clube Naval homenageou-o com um banquete, que decorreu em atmosfera de entusiasmo — e de simpatia e carinho por Joaquim Leote. Registrando o facto com muito prazer, associamo-nos à homenagem prestada.

A nova época de «handball» recomeça na altura própria — com pontualidade que marca o interesse dos clubes e da respectiva associação regional.

Como primeira manifestação temos o «Torneio de Abertura», com a inscrição de oito clubes. Oxalá que decorra com entusiasmo — como boa perspectiva para a nova temporada.

VAI sendo grande a demora na abertura oficial da época de «basketball». Até agora não se tem passado de organizações particulares. Na semana transacta, registou-se até uma iniciativa digna do melhor êxito — a realização de um festival de auxílio à família de António Martins, jogador de «basket» falecido há pouco tempo.

A camaradagem desportista voltou a manifestar-se em termos que a prestigiam. É de ver de todos prestar homenagem aos atletas que desaparecem no turbilhão da vida.

ANO XII — Lisboa, 22 de Dezembro de 1943 — II SÉRIE — N.º 55

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«**MARCA**», excelente revista madrileña de desportos, que há um ano passou a diário, festejou recentemente o primeiro aniversário da transformação por que passou, publicando um número comemorativo muito interessante. Para os nossos colegas da «Marca», os três maiores acontecimentos desportivos do ano», foram os seguintes:

— Despedida de Quinceces, 27 vezes internacional em futebol, que chegou a ser considerado o melhor defesa do Mundo, na sua época: a décima quarta vitória conquistada pelo Atlético de Bilbao, no campeonato de Espanha, arrancado com grande beleza desportiva nos últimos minutos do prolongamento, após luta emocionante, como poucas; e a festa de homenagem a Juan Monjardin, que, à custa de energia inesgotável, conseguiu bater Portugal, no Estádio do Lumiar, quando a vitória parecia sorrir à equipa lusitana.

Os três maiores acontecimentos de Espanha tiveram como fulcro de atenção o futebol. E o nome de Portugal não foi esquecido — como valeroso adversário num fogo que a Espanha ia perdendo.

ESTÁ para breve a comemração do centenário do nascimento do professor Luis Monteiro, que foi o introdutor da ginástica em Portugal e a quem se deve a fundação do Gimnásio Clube Português. É uma figura histórica — para nós. A sua acção despertou tanto entusiasmo e tal simpatia que chegou a ser professor da Casa Real. Comemorar o centenário de Luis Monteiro — é prestar justa homenagem a quem desempenhou, na vida portuguesa de há mais de meio século, um papel de notável relevo.

Entre o que se projecta fazer, há a publicação de um livro com opiniões acerca de Luis Monteiro, subscritas por muitos dos seus melhores discípulos.

OS desportos «pobres» encontram por vezes núcleos brilhantes em clubes modestos. É o que, por exemplo, se dá com o «basketball», cuja prática não exige rectângulos tão grandes como os de futebol, nem equipas tão numerosas. O desporto da bola ao cesto tem alguns dos seus melhores núcleos portugueses no Carnide Club, em Lisboa, e no Vasco da Gama, quanto ao Porto.

Estes dois clubes não têm um valor afirmado incidentalmente, pois esse valor resulta em especial do entusiasmo com que fazem escola — e da homogeneidade com que jogam — em anos sucessivos. De quando em quando, escapam-se-lhes alguns jogadores que estiveram preparando cuidadosamente. Nem por isso se lhe quebra o ânimo. Vão-se uns. Formam-se outros! É uma triste sina — mas que dá por vezes excelentes resultados!

OS festivais do torneio de inverno do Estoril Praia, na piscina do Estoril, sucedem-se com regularidade e notável brilho. Os resultados técnicos obtidos superam a melhor expectativa. E servem para revelar um núcleo de natação em pleno desenvolvimento.

A rivalidade Estoril-Algés, no campo desportivo, está produzindo excelente resultado — no que respeita ao trabalho de nadadores e treinadores. O que se está fazendo no Estoril, sob a direcção de Asinhal dos Santos, deve contribuir poderosamente para animar a natação.

TEMOS falado várias vezes na conveniência de cuidar do «boxing» amador. O «boxing» não é um desporto que reveste apenas para profissionais, mas sim um exercício em diferentes aspectos. É pelas suas características que se lhe chama a «nobre-arte» — ou esgrima de punhos. O problema dos amadores não pode ser descuidado.

Vem por isso a propósito registar que esteve em Espanha uma equipa húngara de pugilismo amador, constituída pela selecção representativa de Budapeste. Jogou, em Oviado, contra uma selecção do norte de Espanha. A vitória coube aos húngaros, por 10-6.

BALANÇO GERAL DA ÉPOCA

VII—OS LANÇAMENTOS

por SALAZAR CARREIRA

O exame dos resultados globais do atletismo português mostra, em todos os tempos, que as provas de lançamento são aquelas para as quais os nossos praticantes manifestam menor interesse e inferiores aptidões.

Quer seja pelas características menos dinâmicas do exercício, quer seja por uma questão morfológica, a verdade é que, entre os novos praticantes que se recrutam, os lançadores estão sempre em acentuada minoria, e, por outro lado, os resultados das competições desta categoria ficam invariavelmente muito aquém do valor médio dos corredores e saltadores. No entanto, para que haja um motivo de agrado, diga-se que durante a última temporada foram os lançadores os únicos a afirmar progresso nas suas marcas em relação à época precedente.

O facto devese à subida do valor médio pela revelação ou aperfeiçoamento de novos especialistas, e não à culminância dos «records» dos campeões consagrados; desenha-se na falange de praticantes nitido movimento de renovação que, embora pouco abundante, serviu para estímulo aos antigos e para interesse aos concurrens.

Neste capítulo, continua sendo o dardo a nossa grande miséria, com dois únicos veteranos — Cadete e Rodrigues — a dominarem, sem necessidade de progresso, um escasso grupo de aprendizes com técnica menos do que rudimentar; para chegarmos a distâncias citáveis sem acanhamento, é indispensável um esforço de ensino metódico e demorado, cuja eficiência apenas será possível em elementos novos, nos quais a aprendizagem seja iniciada sem preocupações de alcance e unicamente com objectivos de estilo antes da idade mínima de admissão às competições.

De entre os praticantes que podemos considerar no ramo ascendente da sua carreira desportiva, destacam-se três nomes em três provas diversas: o lançador de peso Pinto Basto, o discóbolo José Luís Silva e o lançador de martelo Bustorff Ferro.

Pinto Basto ainda não ensaiou o peso regulamentar e, por isso, são prematuros os julgamentos que se façam sobre o seu futuro: atrair cinco quilos não é o mesmo do que projectar sete quilos e meio. No entanto, possui já a experiência de alguns anos, nitida compreensão do estilo e vontade afirmada de conhecer os seus e por que da sua especialidade. Em plano imediato vêm ainda dois juniores com provada habilidade: o portuense Carlos Valente e o académico Jorge Camões.

O «recordman» Emídio Ruivo continua sendo ainda o melhor português, com recursos para ultrapassar o seu máximo; o companheiro de clube Manuel da Silva também melhorará as suas marcas, mas nunca será esta a prova mais favorável para ele.

José Luís Nunes da Silva é um atleta poderoso, hábil e em quem vejo o futuro detentor do «record» nacional do disco. Progrediu imenso no intervalo de inverno e melhor teria conseguido se não tivesse sido impedido de participar nos campeonatos finais. Reputo-o também homem de extraordinários recursos para lançar o martelo, prova em que fará para o ano uma experiência.

Bustorff Ferro guindou-se em estreia à primeira fila dos lançadores de martelo; excelente físico, espírito compreensivo, amor ao trabalho, são condições suficientes para constituir um aval da confiança que lhe dispensamos.

A época foi de despedida para um dos mais notáveis atletas de Portugal, Herculano Mendes, que é digno, nesta síntese, de duas palavras de homenagem e de saúde; e desportista verdadeiro, pode continuar prestando à modalidade valiosos serviços como instrutor, caso encontre ambiente favorável para desenvolver a sua actividade.

Pouco mais são os nomes a citar: Manuel da Silva, a quem já nos referimos, será sobretudo um especialista de disco e de martelo;

faixa-lhe auto-dominio e flexibilidade, mas a sua exemplar tenacidade de treino há-de conseguir remediar todos os males. Ferreira Monteiro é o único possível lançador de peso que se apercebe entre os aprendizes da temporada; progrediu de braco para concurso e dispõe de excelente conceito e rapidez de projecção, talando-lhe por enquanto toda a técnica, com muitos erros a corrigir.

Entre os novos discóbolos, alcançaram resultados interessantes Miranda Andrade e Lélío Ribeiro, em Lisboa, e Manuel Camões, em Coimbra; são elementos merecedores de atenção, como aliás um principiante que passou despercebido da maioria e no entanto me pareceu muito bem dotado para este exercício: José Proença.

Finalmente, entre os lançadores de dardo, classificaram-se o portuense Ferreira da Silva, o habilidoso Trigo de Mira, Anselmo Pereira, o bracarense Martins Abreu e o caspiano Ludovino Martins — talvez de todos o que mais promete. Mas, do primeiro ao último, persiste o grande problema da aprendizagem do estilo, entre nós ignorado.

*

São campeões em 1943:

Peso — Estreantes — Lisboa, K. Mayer (Bf.), 15^m,94; Pôrto, António Paradinha (Br.), 11^m,95; Coimbra, Pedro Parra (Ac.), 11^m,95. — Principiantes — Lisboa, K. Mayer (Bf.), 15^m,91. — Juniores — Nacional e Lisboa, Pláto Basto (Cf.), 14^m,31 e 13^m,95; Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 13^m,84; Coimbra, Jorge Camões (Ac.), 20^m,82. — Universitário, Lisboa, Fernando Ferreira (INEF), 20^m,95. — Corporativo, Nacional, Gomes dos Santos (Pôrto), 17^m,79; Lisboa, Joaquim Franco 12^m,91. — Seniores — Nacional, Emídio Ruivo (Sp.), 12^m,92; Lisboa, K. Mayer (Bf.), 13^m,80; Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 11^m,92.

Disco — Estreantes — Lisboa, K. Mayer (Bf.), 31^m,80; Pôrto, José Guilherme (Br.), 27^m,52; Coimbra, Pinheiro Gonçalves (U.), 25^m,89. — Principiantes, Lisboa, K. Mayer (Bf.), 32^m,50. — Juniores — Nacional e Lisboa, José Luís Nunes da Silva (Sp.), 35^m,11 e 33^m,49; Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 31^m,55; Coimbra, Manuel Camões (Ac.), 27^m,95. — Universitário, Lisboa, Bustorff Ferro (INEF), 33^m,56. — Corporativo — Nacional, Gomes dos Santos (Pôrto), 30^m,98; Lisboa, Joaquim Franco, 31^m,93. — Seniores — Nacional, Manuel da Silva (Sp.), 35^m,85; Lisboa, José Luís Nunes da Silva (Sp.), 35^m,35; Pôrto, Alexandry (Ac.), 32^m,42.

Dardo — Juniores: Nacional, Anselmo Pereira (Bf.), 44^m,74; Lisboa, José Luís da Nunes Silva (Sp.), 40^m,15; Pôrto, Martins Abreu (Br.), 39^m,09. — Universitário, Lisboa, Miranda Andrade (Cf.), 35^m,82. — Corporativo, Nacional, Correia Cesar (Lisboa), 39^m,10; Lisboa, Francisco Lopes, 37^m,82.

Martelo — Juniores: Pôrto, Valdemar Faria (F.C.P.), 28^m,16; em Lisboa, onde o campeonato da categoria se não disputou, Bustorff Ferro (Bf.) bateu o «record» com a esfera de 5 qts., com 47^m,62. — Seniores: Nacional e Pôrto, Herculano Mendes (Ac.), com 37^m,85 e 32^m,87; Lisboa, Bustorff Ferro (Bf.), 32^m,66.

*

Lista actualizada dos dez melhores resultados portugueses:

Peso (5 qts.): José Garnel Pinto Junior (Sp.) (senior), 16^m,45; Mário Ferreira dos Santos (Cf.), 15^m,19; Romeu Correia (Alm.) (senior), 15^m,23; Emídio Santos Ruivo (Sp.), 14^m,85; Luis Pinto Basto (Cf.), 14^m,31; Nelson Gomes (Ac.), 14^m,20; Mário Marques Aguiar (Br.), 14^m,11; Armindo Braz (Bel.), 13^m,87; Carlos Valente (F. C. P.), 13^m,84; Anibal Paciência (Sp.), 13^m,76.

Peso (7,257 qts.): Emídio Santos Ruivo (Cf.), 16^m,739, 13^m,49; José Garnel Pinto Junior (Sp.), 13^m,73; António Cardoso (Cf.), 13^m,27; Romeu Correia (Alm.), 12^m,49; Alberto Ferreira (F. C. P.), 12^m,22; Mário Santos (Cf.), 12^m,035; Herculano Mendes (Ac.), 11^m,98; Alvaro da Fonseca (Bf.), 11^m,95; António Peixoto Correia (F. C. P.), 11^m,85; Manuel da Silva (Sp.), 11^m,73.

Disco: Herculano Mendes (Ac.), 22-11-95, 43^m,70; António Cardoso (Cf.), 2-6-28, 41^m; José Garnel Pinto Junior (Sp.), 17-6-28, 39^m,12; Emídio Ruivo (Sp.), 38^m,28; Eduardo Vieira (Br.), 35^m,75; Alvaro Fonseca (Cf.), 36^m,97; José Luís Nunes da Silva (Sp.), 36^m,24; António Nunes Marques (Cf.), 36^m,10; Manuel da Silva (Sp.), 35^m,85; António Marques (Br.), 35^m,22.

Dardo: António Cadete Junior (Ac.), 15-8-43, 50^m,98; Tomás de Macedo Saraiva (Bf.), 1-8-42, 50^m,48; Manuel Vieira Faria (Sp.), 8-8-37, 50^m,44; José Garnel Pinto Junior (Sp.), 46^m,62; António Rodrigues (Bel.), 46^m,43; António Barreiros Gomes (Bf.), 46^m,12; Adriano Pires (Cf.), 48^m,72; Arsénio Soares (Sp.), 48^m,60; Anibal Paciência (Sp.), 47^m,85; José Joffre Trigo de Mira (Sp.), 47^m,60.

Martelo: Herculano Mendes (Ac.), 6-8-39, 47^m,37; António Bustorff Ferro (Bf.), 25-8-43, 38^m,88; Manuel da Silva (Sp.), 15-8-43, 37^m,64; Avelino Louca (Sp.), 35^m,26; António Lis Ferreira (Cf.), 35^m; Manuel Ernesto Santos (Mac.), 34^m,37; António Cardoso (Cf.), 33^m,57; António Ferreira Borges (Cf.), 33^m,05; Alberto Ferreira (F. C. P.), 32^m,86; Carlos da Silveira (Cf.), 30^m,31.

O INTERNACIONAL

ganhou com brilhantismo

o campeonato infantil de Lisboa

FOI ganho pelo Clube Internacional de Futebol o campeonato infantil de Lisboa, de 1942-943 — quarto da série iniciada em 1939-940.

A seguir ao Sporting (por duas vezes) e ao Benfica, o velho C. I. F. inscreve o seu nome na lista dos vencedores da interessante competição, depois de uma honrosa classificação (2.º lugar) no anterior campeonato.

É certo que a prova concluída há dias, e cuja característica principal residu na regularidade, foi menos difícil do que as anteriores. Desta vez o número de concorrentes não foi além de cinco, quando antes havia sido, sucessivamente, de nove, nove e dez. Portanto, os futuros «ases» do C. I. F. tiveram menos trabalho.

Isto não impede, porém, que tenhamos de considerar a sua actuação brilhantíssima e a sua vitória plena de justiça. A representação do Internacional, confiada a cinco rapazes que se inscreveram pela primeira vez no A. T. M. L., correspondeu inteiramente à confiança que nela depositavam os dirigentes do clube. A equipa mostrou-se invulgarmente homogênea, evidenciou apreciável superioridade sobre os outros concorrentes, exibiu-se com regularidade impressionante e contou por vitórias os encontros disputados.

Não se poderia exigir mais de José Nuno Palha (7), António F. Forte (8), Viriato Leite (4), António Sampaio (3) e João Branco Pais (2) — as-ím-se chamam os componentes da equipa campeã e de quem se indicam entre parêntesis o número de encontros de que participaram.

A regularidade que citamos acima, está fielmente traduzida com a indicação dos resultados obtidos pela equipa, quer nos encontros disputados em casa, quer nas mesas dos adversários. Assim, o Internacional registou sucessivamente: contra o Sporting, 5-2 e 5-2; contra o Ateneu, 5-3 e 5-3; contra o Benfica, 5-2 e 5-2; e contra o Intendente, 5-0 e 5-0.

É realmente curiosa a coincidência dos resultados absolutamente iguais nas duas voltas, julgamos, até, o facto inédito no ténis de mesa [sboets.

*

Falámos já dos campeões. Mas seria injusto esquecer os restantes concorrentes, que contribuíram de forma decisiva para o interesse da prova.

O Ateneu Comercial de Lisboa ficou em segundo lugar. E foi bom segundo, pois só perdeu duas vezes contra o C. I. F. e uma, reflectindo certo desinteresse, contra o Sporting. Reis foi o melhor dos seis jogadores que os «acelistas» inscreveram.

O Benfica classificou-se em terceiro lugar, revelando também muita regularidade de principio a fim da prova. Quatro vitórias sobre os concorrentes que se lhe seguiram na classificação e quatro derrotas infligidas pelos dois «teams» que o antecederam. Machado destacou-se dos restantes jogadores da equipa.

Depois — o Sporting. Afigura-se-nos que a equipa, quando na posse de todos os seus recursos, é capaz de alcançar outra classificação. O seu melhor jogador — Abraão — na convalescência da fractura de um pé, actuou sempre inferiorizado. Interessante, a desforra dos «leões» contra o Ateneu, que veio a constituir a surpresa da prova.

O S. C. Intendente foi o «lanterna-vermelha». Mas tornou-se digno de elogiosa referência, pelo desportivismo dos seus jogadores, que foram batidos em todos os encontros mas aceitaram os revezes sem o mínimo azedume e conscientes de que só assim se progrediz. Frederico foi o melhor da equipa.

TEE TEE

GRUPO CICLO-TURISTA «OS 15»

Refine-se hoje, na sede do Clube Musical União, ao Alto do Pina, a assembléa geral desta colectividade, para eleição de novos corpos gerentes.

Desportos de INVERNO



A quadra é propícia à prática dos desportos de inverno, que têm já certa voga em Portugal, no que respeita ao «sky». E embora o nosso país não seja essencialmente montanhoso, ou batido pelas neves da estação hiberna, é certo que existe um clube de especialidade, o Sky Clube de Portugal, com sede e instalações próprias na serra da Estréla — a majestosa serra que tão bem se presta para estas práticas. Contudo, as gravuras que ilustram esta página não se referem a desportos de inverno no nosso país, mas sim a outro onde a modalidade conhece progressivo desenvolvimento. Trata-se da Hungria, onde existe uma escola de aprendizagem, para crianças e principiantes. Por que não se faz o mesmo por cá?...

Os magiars, povo de índole desportiva, sabem cuidar disto. E podem apontar-se como exemplo as suas organizações, de que damos pálida idéia nesta simples reportagem de uma modalidade das mais cultivadas e em que são mestres: o «sky». Não é a patinagem propriamente dita mas a sensação de beleza, de saúde e de alegria, de vida, enfim, traduzida na prática de um desporto que é útil e serve à toda a gente, apesar de por vezes perigoso e difícil na sua aparente facilidade. E a prova de que é útil e serve à toda a gente está na circunstância de ser praticado por senhoras e crianças, especialmente por estas, como princípio de um objectivo que tem por fim o adestramento visual, a confiança nos recursos próprios e a robustez do corpo, ganha no contacto permanente com o ar puro e saudável das montanhas.

Nesta escola infantil de desporto — chama-se-lhe assim — a mocidade aprende algo que possa servir-lhe para a vida. Desde que o praticante começa a sentir-se só, quer dizer, que já pode deslizar na neve sem o amparo do professor ou o auxílio de companheiros — porque as primeiras lições, claro, são ministradas em conjunto, conforme pode vêr-se pelas gravuras que publicamos.

Mas até lá chegar, há muito que aprender...



A grande preocupação dos povos é o ensino da juventude. As crianças de hoje serão os homens de amanhã, por isso, a necessidade de conduzir o adolecente para a vida, de o guiar, tornando-o apto a enfrentar os obstáculos que se lhe deparam.

Nós temos uma organização do género, a «Mocidade Portuguesa», que muito tem feito nesse sentido — e mais fará ainda. Mas nas outras nações pensa-se e age-se do mesmo modo. São, afinal, coisas afins e comuns a todos os povos: a necessidade de fortalecer a juventude.

Nas montanhas da Hungria cuida-se a sério do problema; dá-se instalação de escolas próprias para a mocidade, nas quais as crianças, divertindo-se, aprendem a ser homens. Há de tudo e cuida-se de tudo. Desde os mais simples pormenores — o estudo do material e a construção do «sky» — é uma base — até à prática eventual da modalidade, mais tarde tornada efectiva, ou por necessidade de ofício ou pelo prazer de respirar o ar puro, no gozo de apertadas férias...

Ali aprende a criança tudo quanto se relacione com esse belo e salutar desporto. Sob as vistas de instrutores especializados, principia por conhecer como se faz um «sky» — aparelho indispensável e que precisa de ser sempre cuidado, pois a deterioração de material pode prejudicar o praticante nas suas excursões através da neve. Depois é necessário saber também como se utiliza; e começa então outro grau de aprendizagem. Primeiro, e em campo próprio — sem ter sequer deslizado ainda... — o aluno adapta o «sky» à bota, afileitando o aparelho como se fôra para uma excursão; depois da aprendizagem teórica segue a prática do desporto que elegem.

Os primeiros passos sobre a neve dá-os a criança sob a vigilância do treinador, sem se afastar do «conjunto» — porque as lições primárias são sempre ministradas em globo. Quando se aventura pela pista, fá-lo ainda na companhia de «cadetes», ou sejam os instrutores mais antigos; finalmente chega a altura de dispensar ajudas — às vezes é bom não confiar demasiado... — e então lá vai, sozinho, pela pista fora! As quedas, a maneira de as dar, as travagens bruscas e as mudanças de direcção, que foram objecto de aturado estudo, têm nessa altura aplicação em recinto apropriado... Começa o divertimento — e o martírio também, porque custa muito chegar-se a «ás»...

Mas quando se chega — é a alegria do triunfo, a satisfação íntima de ter vencido todos os obstáculos, a consciência plena de que se tem valimento. Assim se fazem os campeões de «sky», nesta escola da Hungria, que pode apontar-se como exemplo.

A dificuldade não parece ser tão grande como à primeira vista se afigura! Querer é poder — eis o lema por que nos telam as suas actividades aqueles que na vida pretendem ser úteis a si e aos outros. O Sky Clube de Portugal, de que António Lopes é o mais fiel servidor e dos mais acérrimos propagandistas dos benefícios dos desportos da neve, podia muito bem criar na serra da Estréla uma escola do género, ponto de partida para tanta coisa interessante que podis fazer-se...

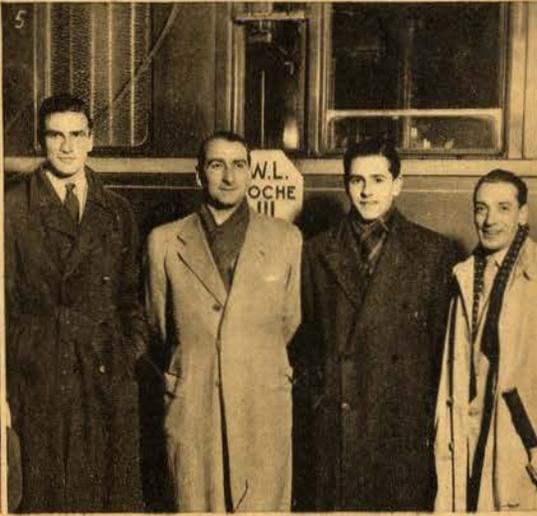


A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



40 ANOS DE TRABALHO PELO DESPORTO: 1 — Joaquim Leote, figura brilhante da velha guarda e comodoro do Clube Naval de Lisboa, no jantar de homenagem que lhe foi oferecido há dias. A HOMENAGEM POSTUMA A ANTÓNIO MARTINS — Os grupos que tomaram parte no serão de "basket" do Ateneu; as equipas do Sporting e do Ateneu (2), que disputaram a taça "Nita Martins"; os "teams" do Benfica e do Carnide (3), que jogaram para a taça "Gratidão"; e os veteranos do Sporting e do Ateneu (4), que se defrontaram para disputa da taça "António Martins". TENISTAS EM VIAGEM: 5 — A partida da equipa portuguesa que foi tomar parte no torneio de Barcelona, da qual fazem parte V. Horta e Costa, do Porto, e F. Frade e J. Silva, de Lisboa, e que seguiu acompanhada de J. Serra e Maura

(Fotos C. Madeira)



O PAI NATAL

Este ano não hesita!

Tem bicicletas «Flecha» — modelos especiais para crianças — e patins «Glória e Polar», para pôr nas chaminés...



Stand FLECHA * LARGO do INTENDENTE

MODOS os pa-sos são difíceis. Uns *teams* vão esmorecendo um pouco. Porque as energias não são infinitas. Logo outros crescem, aumentando as suas possibilidades. É a lei das compensações. Por outro lado, os *teams* adestram-se nas lutas, domingo a domingo, mais palpitantes. Dá-se o aperfeiçoamento da técnica. E ainda a adaptação ao ambiente da competição.

Passos tão difíceis — que não se sabe quem ganha, podendo afirmar-se que todos os vaticínios, mesmo os de melhor arquitectura, não passam de hipóteses. As quais, na prática, estão a ser destruídas com frequência. Na Tapadinha, depois de uma luta memorável, não houve vencedores nem vencidos. Em Olhão, o quadro é de cores negras; o Sporting pôs na balança todas as suas forças — técnicas e físicas — para trazer a vitória para Lisboa, a que a diferença de um *goal* dá a necessária expressão. Em Setúbal, tudo conduz a uma partida disputada com estranha vibração, com vantagem para os visitantes, mas igualdade no conjunto. No Pórtio, inesperadamente, o Salgueiros bateu a Académica. Sómente no Campo Grande a luta consentiu aspectos de facilidade, e esses mesmos relativos. Como fundo da competição — estamos, indiscutivelmente, num bom momento.

Com a chuva, os campos enrugam-se de barro, obrigando ao maior esforço físico do homem, e também a alterações na técnica, e mesmo em tática, nem sempre levadas a efeito, devido à inadaptação dos jogadores. Em semelhantes condições ganham as equipas fortes, sob o ponto de vista físico, e também aqueles *teams* que assentam o seu jogo na velocidade, energia, jogando porventura um pouco ao acaso. Para a frente — é o caminho das redes. O caminho da vitória.

O sentido prático do Atlético. Inadaptação belenense à lama

As dúvidas sobre o Atlético, colocado na invejável posição de n.º 1, destacado, posição mantida embora na boa companhia do Pórtio e do Sporting, deixaram de ter razão de existir. O caso foi devidamente esclarecido. O que se passou na Tapadinha tem um alcance valioso demais para se diminuir. Não há hoje dúvidas absolutamente nenhuma no nosso espírito a respeito do valor do clube de Alcântara (a designação abrange Santo Amaro). Pode, evidentemente, não ser o melhor *team* português, e não o é, mas é inteiramente de manter a opinião de que, tal como se encontram valores e forças do nosso futebol, o Atlético deve classificar-se bem no torneio em disputa, aproximando-se o maior que um grupo pode aproximar-se do lote dos chamados grandes clubes (à expressão *grande clube* corresponde sempre *melhor team*).

Ainda não se conhece coisa melhor para revestir um onze de *moral* do que a vitória, ou uma série de vitórias. Justifica-se perfeitamente a força de vontade revelada por uma equipa que, por enquanto, invencível, defende a sua *chance* com a mais nobre coragem. O Atlético actuou como um bloco: activo e valente na *defesa*; tudo isso, e ainda um seu todo prático de jogo na *meia-defesa*; energia e razoável entendimento no *ataque*.

Nada admirando que, por via disso, o Belenenses tenha passado hora e meia de amarguras, andando como que à deriva em todo o encontro, pois, ainda por cima, vinco-se, e mais expressivamente do que oito dias antes, a inadaptação do *team* às condições do campo. Hoje, não restam dúvidas sobre o caso. A linha avançada de Belém, como se encontra formada, e dada a sua inclinação para o jogo preciso e rasteiro de passagens, não é capaz de modificar o seu jogo, adaptando-se à lama e ao barro.

Mostra-se incapaz dessa adaptação — é mesmo assim. Porque temos a certeza de que a lição do Campo Grande, ainda muito viva na memória belenense, não podia ter sido esquecida. Certo, o treinador determinou a tática conveniente para semelhantes emergências. Simplesmente, os jogadores, os do ataque, revelaram na Tapadinha a sua incapacidade para outro jogo. Só sabem jogar assim, passe sobre passe, na construção da teia. E tudo resulta improdutivo, afilivamente improdutivo. Só assim tendo explicação o facto do médio-centro belenense ter passado para avançado-centro. E bem.

Reduzido a dez unidades, pela saída forçada de Pratas (forçada, por injustificada decisão do

A quarta jornada vista em globo

Orientação — Tática — Apontamentos

árbitro, e por virtude de corpo-a-corpo com o adversário), o sentido prático do jogo do Atlético manifestou-se tão exuberantemente que a partida decorreu quase sem se dar por isso, isto é, que de um lado estava um *team* completo, em manifestas condições de superioridade, e do outro um grupo incompleto e em inferioridade. Na segunda parte, pelo menos, sem dúvida, o Atlético chegou menos vezes às redes do Belenenses do que este à daquele, mas também não há dúvidas de que, dada a espécie de futebol posto na luta, o perigo para Salvador foi sempre maior. Maior e mais nitido.

A vitória do Atlético até o último minuto transformou-se no empate, nessa altura. O capricho do jogo tirou, pois, o triunfo a um grupo que bem o merecia, pela tenacidade de que deu provas e pelo jogo de ligação essencialmente prático posto na luta.

O «team revolucionário» da prova

O Sporting passou o obstáculo de Olhão com rara felicidade. Todo o gráfico do jogo, assim como as notícias que temos, ao escrever, indicam que seria mais justo o triunfo olhanense do que o do Sporting, ainda que seja pela mínima diferença, como aconteceu, o que de resto não adianta nem atrasa. Vale, evidentemente, sob o ponto de vista teórico, em apreciação a fazer aos dois grupos, e mais nada.

O Olhanense produziu exibição perfeitamente à altura do nível de que o *team* hoje disfruta. A primeira parte foi endiabrada de velocidade, a tal ponto que o Sporting acusou, depois, no segundo tempo, o esforço desenvolvido. Quere dizer: regra geral, o chamado *domínio territorial* coube aos algarvios.

Mas estes equivocaram-se ao adoptar uma toada de jogo alto, propícia ao corpo-a-corpo, originando ainda confusão, favorecendo mais aquêle que defende do que o atacante. Os *leões* tiraram dessa feição o máximo partido possível. A sua melhor técnica, e ainda a colocação mais perfeita no terreno vieram ao de cima em condições de se impôr, atenuando a gravidade da situação.

Porque quando os algarvios faziam o jogo baixo, passando rasteiro e rápido, com desmarcações bem concebidas, a sua vantagem foi patente, não traduzida praticamente por uma causa de ordem geral no futebol português — a falta de remate. A esse pormenor, aliás valiosíssimo, deve o Olhanense não ter ganho, e deve o Sporting a sua rica vitória (quasi que acreditamos que os triunfos arrancados em Olhão, pela sua dificuldade, valem bem mais do que as vitórias noutras terras da provincia).

O Olhanense forneceu à partida, como é de concluir-se, feição de ataque, a que em geral corresponde feição de defesa, como o prova o facto sintomático dos médios lisboetas terem actuado em posição atrasada no terreno, medida de precaução evidente. E ainda a magistral exibição de Azevedo, numa das suas tardes que, à força de repetirem-se, vão sendo vulgares.

Por tudo isto, pode dizer-se que o Olhanense, batido com um pouco de infelicidade, não safu diminuído da luta, antes continuando a afirmar-se como o «*team*» revolucionário da prova.

Com bons resultados prossegue a renovação do Pórtio

O Pórtio apresentou em Setúbal uma equipa em renovação — pormenor que a crítica tem salientado, e em que devemos insistir pelo relevo do facto. Porventura menos poderosa do que aquilo que podia apresentar, devido à falta de três elementos já adaptados no grupo: Camilo, Sárria e Correia Dias.

Porque esta orientação de deixar no onze os *gatas*, enquadrando os valores novos, não é falta de lógica, antes parecendo o bom cami-

nho. Sobretudo quando os antigos e experientes têm chama clubista, tomando o seu papel a sério (caso de Sousa Pinga e Manuel Anjos).

O interior Sousa deu no domingo, ainda, uma lição mestra de como se joga a *interior*, variando os golpes, consoante se impunha e recomendava, e mexendo propriamente na bola. A êle deve o seu clube, principalmente, a famosa reviravolta da segunda parte.

A diferença na qualidade do jogo produzido saltou à vista. O Vitória, mesmo na fase de domínio territorial, que durou quasi desde o começo ao *goal* de empate, e mais tarde, próximo do apito último, foi um grupo combativo, enérgico, mas com evidentes falhas na conjugação de esforços e movimentos, falhas provocadas pela falta de colocação dos seus médios, não carrilando suficientemente o jogo. Nenhum *team* suporta a ineficácia ou o mau jogo do médio-centro, e é por isso mesmo que esta unidade desempenha o mais importante papel no futebol. Ora Figueiredo revelou claramente a sua insuficiência, mais por falta de rumo e norte do que por outras razões.

Pelo contrário, o Pórtio, ao jogar rasteiro, e rápido, em passes e desmarcações, prendeu e enleou o adversário, principalmente a linha média, em termos de a obrigar a corrida desordenada e ao esforço supremo. O seu jogo, pelas duas *asas*, indistintamente, e uma vez ou outra pelo centro do terreno, teve a marca da qualidade, o que parece indicar que a equipa, lentamente, como não pode deixar de ser, caminha para o fulgor dos tempos antigos.

As vitórias como as do domingo último auxiliam este movimento da renovação do grupo.

O Benfica e a sua fácil vitória

O Benfica venceu com facilidade. O seu adversário aceitou, do princípio ao fim, dir-se-ia que mesmo antes de começar o desafio, a superioridade do *team* lisboeta como tratando-se de uma fatalidade necessária. Quando as coisas se passam deste modo — não há grande margem para comentários. Sempre se pode, no entanto, dizer alguma coisa...

Afirme-se desde já que o Vitória (Guimarães) imprimiu à sua tarefa carácter essencialmente defensivo, e que, dentro dessa tática, o grupo correspondeu, embora o maior quinhão da partida correspondesse ao núcleo da defesa.

O Benfica satisfez, jogando bem, na primeira meia hora. Jogando na sua toada enérgica e de boa ligação, para mais ainda eficiente. Com os *interiores* cumprindo. Depois, como que dando pela sua superioridade, o *team* enveredou pelo caminho dos preciosismos, cada jogador revendo-se no que fazia, em passes sobre passes, um nunca findar de passagens. Quere dizer: a equipa benfiquense tomou uma orientação que não corresponde à sua tendência natural.

Esta orientação e também a fragilidade física dos *estrelantes* benfiquenses, permitiram que a defesa contrária, rápida e dura, mandasse no terreno em várias emergências.

O Vitória (Guimarães) não se arriscou. Jogou, como alguns pugilistas usam, em *contra* isto é, esperando sempre o ataque do adversário para depois explorar o ponto a descoberto. Isto, que no pugilismo é vulgar, e até produtivo, muitas vezes, não dá ordinariamente resultado em futebol, jogo colectivo e em que o esforço de um homem está dependente dos outros homens.

O primeiro triunfo para o Salgueiros

Dado o nível fraco revelado pelo Salgueiros das três jornadas, a sua vitória sobre a Académica deve considerar-se, pelo menos, inesperada. Isto para não se entrar no caminho das surpresas! Em todo o caso, deve ter-se em conta — eis a nota da verdade — que a vitória do Salgueiros não corresponde a grande exi-

bição, ou ainda a melhor *forma* — até por que as curvas dos *teams* levam tempo a traçar, não se compreendendo uma mudança brusca, com os mesmos elementos, de um momento para o outro. Essa vitória tem a sua base no aproveitamento do concurso de três homens: dois na defesa: Peixoto, o guarda-rede, magistral na 2.ª parte, e João, o esforçado *back*; e um na linha medular, o médio-centro, Sousa, que imprimiu ao *team* a necessária ligação tornando possível a realização dos *goals* ou a sua conquista.

No primeiro tempo, a Académica revelou a coesão do seu grupo, distinguindo-se pelos movimentos combinados das suas células, e ainda, num ou noutro caso, pela subtilidade de vários e pelos rasgos do seu avançado-centro, uma unidade que bem pode dizer-se uma competência.

Depois do intervalo, e no primeiro quarto de hora, as características da Académica mantiveram-se, e o grupo continuou a marcar superioridade. Estabelecido o empate, a Académica não deu mais sinal de vida, o que, sendo força de expressão, dá ideia do que pretendemos significar. A luta, até esse momento impressionante, devido à energia e ao esforço dos jogadores, decaiu singularmente, aparecendo como lógica consequência da vitória do Salgueiros, os primeiros pontos conquistados pelo clube.

Salientaram-se na Académica: Alberfo Gomes e Lemos, sendo justo salientar a actuação de Faustino, médio centro.

Números cantam...

A chamada *classificação geral* continua a atrair — pelo seu especial encanto. Sabe bem

Para quando

A primeira derrota do Estoril Praia

no torneio da 2.ª Divisão?...

O campeonato nacional da II divisão teve, no último domingo, a sua segunda jornada.

Francamente, não esperávamos que pudessem efectuar-se os 31 desafios que a ronda comportava (mais quatro do que no domingo anterior) por via do mau tempo que se fez sentir.

Mas do mal o menos! E, assim, só há a registar que as partidas foram prejudicadas na sua beleza e animação, pois as sessenta e duas equipas que estiveram em luta não puderam fornecer primorosas exhibições, nem os rectângulos de jogo estiveram muito concorridos de público.

Grupo A — Disputaram-se onze encontros, marcando-se quarenta e oito «goals». Em nenhum dos desafios houve empates; mas, em contrapartida, só três dos vencedores conseguiram margem superior a três «goals». Não houve, portanto, grande desnível de forças. Entre os minutos voltou a colher-se a impressão de que os últimos classificados da A. F. Braga no campeonato regional estão, agora, a dar melhor conta do recado. Isto porque o Gil Vicente conseguiu bater o Sporting de Braga e o F. C. Visela não regressou de Vila Real senão com uma desvantagem de dois «goals». O Famalicão ganhou ao Vianense, sem que isso possa constituir proeza.

Os grupos da divisão principal da A. F. Pórtio não se deixaram surpreender. O Leça, o Académico e o Boavista jogaram fora de casa e não estiveram em apuros, ainda que os dois primeiros não conseguissem melhor do que 2-0. Os rapazes do Bessa creditaram-se, até, do melhor activo registado, pois por sete vezes o guarda-redes do União de Paredes teve de ir buscar a bola ao fundo da sua baliza. O Leixões, no seu campo, marcou vantagem nítida sobre o F. C. Gafes. Mas, incontestá-

ter a tabela dos pontos, *goals*, vitórias e derrotas, cantando ao mesmo tempo a ária das hipóteses. Todos se dão a contar de cabeça — que nem sempre são boas contas, dado que se tem como infalível a sorte para nós e a desgraça para os outros. Enfim, por enquanto, o tom não é doloroso, mas, pelo contrário, vibrante. A própria Académica, na cauda, encara confiadamente o futuro. Cantemos — para não perder o hábito...

Com 7 pontos — Atlético (3 vitórias e 1 empate, 11-3 em bolas); F. C. do Pórtio (3 vitórias e 1 empate, 11-6 em bolas); e Sporting (3 vitórias e 1 empate, 10-7 em bolas).

Com 6 pontos — Benfica (2 vitórias e 2 empates, 13-4 em bolas).

Com 5 pontos — Belenenses (1 vitória e 3 empates, 7-6 em bolas).

Com 3 pontos — Vitória de Guimarães (1 vitória, 1 empate e 2 derrotas, 6-12 em bolas).

Com 2 pontos — Olhanense (1 vitória e 3 derrotas, 9-8 em bolas); e Salgueiros (1 vitória e 3 derrotas, 5-14 em bolas).

Com 1 ponto — Vitória de Setúbal (1 empate e 3 derrotas, 6-10 em bolas).

Com 0 pontos — Académica (4 derrotas, 7-15 em bolas).

Marcadores da 4.ª Jornada — Oliveira (Salgueiros) 2; Lourenço (Pórtio) 2; Gonçalves (Benfica) 2; Teixeira (Benfica) 2; Brioso (Guimarães) 1; Arsénio (Benfica) 1; Conceição (Académica) 1; Paulista (Salgueiros) 1; Quaresma (Belenenses) 1; M. Coelho (Belenenses) 1; Gregório (Atlético) 1; G. da Costa (Pórtio) 1; Amador (Vitória, Setúbal) 1; Peyroteo (Sporting) 1; A. Marques (Sporting) 1; e Salvador (Olhanense) 1. O defensor Feliciano (Belenenses) marcou um *goal* nas suas redes.

UM ASSUNTO...

*Já dei voltas ao bestunto,
Sem, sequer, ter mais assunto
p'ra fazer a gazetilha...
Ah! Mas 'sperem! Já sei!
Afinal, sempre encontrarei...
Ideas cair na 'armadilha'!!!*

*O assunto principal,
com jeitos de... capital,
foi o nosso aniversário!
Tanta prova de amizade
recebemos, que a verdade,
teve, em suma... corolário!!!*

*Tudo aqui se faz a bem
do desporto que, também,
tem, p'ra nós, a primazia
Vai, p'ra todos, no momento,
sincero agradecimento,
pela vossa simpatia...*

*Palavras de incitamento
chegam a todo o momento
para nos dar mais coragem!
Aos colegas da Imprensa
pedimos, dêem licença,
p'ra render nossa homenagem!*

*Não te esqueçamos, leitor,
porque tens sido o melhor
de todos os companheiros...
Desde sempre ao nosso lado
mostraste-te interessado
e figuras nos primeiros...*

*Nos primeiros que estão
já no nosso coração
e, também, no pensamento!
A todos, portanto, em suma
e sem destrinça nenhuma,
o nosso agradecimento...*

*Eu falei por todos nós,
escrevendo a todos vós,
mas em nome da revista...
Nem um momento, presunto,
há-de desviar-se o rumo!
Estamos na boa... pista!!!*

ZÉCAS TLÃO

roso para os visitantes. É que o S. L. Viseu deve ter mais experiência — é grupo «mais feitos».

O empate entre o Estrêla e o Portalegrense aceita-se sem relutância e deve contribuir bastante para animar a luta na série 7.

Grupo C. — Houve também onze partidas e em quasi todas os vencedores marcaram boa superioridade. Não se registaram surpresas e verificaram-se os resultados mais nitidos: os 9-0 do Fósforos ao Marvilense e os 8-1 do Estoril ao Operário. Dêstes dois encontros estão dispensados comentários...

Há, porém, um «score» expressivo que não reflecte o desenrolar de uma luta: os 5-1 do Unidos do Barreiro ao Chelas. Parece, porém, que aos barreirenses não faltou a felicidade de remate que tanto atormentou os chelenses.

O Unidos de Lisboa ganhou bem ao Torreense, como bem se aceita a vitória do F. Benfica sobre o S. L. Olivais por um «goal» de diferença. O Casa Pia sofreu pesada derrota no Barreiro, com a atenuante de ter sido imposta pela equipa que detem o título em disputa... e tem especial empenho em o conservar.

Grupo D — Dois desafios, somente, que não dão aso a comentários. O Lusitano de Evora bateu o grupo União Sport e o Extremós derrotou o Juventude de Evora. Tufo quanto há de mais natural... — ZÉ DO PEÃO

Futebol amador no «Cif»

O Clube Internacional de Futebol projecta organizar na presente época dois campeonatos de futebol para amadores, um entre sócios e outro reservado a clubes.

A inscrição para o primeiro destes torneios, que principiará em breve a disputar-se encontra-se aberta na sede do clube, rua de Pereira e Sousa, 7.

F.C. do PORTO e SPORTING

ACOMPANHAM O ATLETICO No 1.º lugar da Classificação



VITÓRIA (S.) F. C. PORTO: Coinidência curiosa: como se encontram junto da balisa os avançados dos dois antagonistas
(foto J. Manique)



BENFICA-VITÓRIA (G.): Machado defende e esquivava a entrada de Teixeira
(foto C. Madeira)



ATLETICO-BELENENSES: Feliciano, na sua desafortunada intervenção, desviou a bola de tal maneira que Salvador não pode evitar o 2.º ponto dos alcantarenses
(foto Nunes d'Almeida)



ATLETICO-BELENENSES: Para cada jogador be-nense houve sempre dois adversários. Veja-se a dificuldade em que se encontra Eloi...



(fotos Nunes d'Almeida)



BENFICA-VITÓRIA (G.) Machado está batido. Gonçalves eleva a conta final para 5-1
(foto C. Madeira)



ATLETICO-BELENENSES: Esta fotografia — não necessita de legenda! Fala por si.
(foto Nunes d'Almeida)



ATLETICO-BELENENSES: Como entrou o "goal", do empate, marcado por Mário Coelho. Note-se o mau lançamento de A. Jorge

O NOSSO ANIVERSÁRIO

COM motivo no nosso aniversário — mais um ano de desinteressado trabalho em prol da causa da Educação Física e do Desporto — temos recebido inenquadráveis demonstrações de simpatia. Devemos destacar momentaneamente algumas palavras que nos dirigiram colegas da Imprensa, em manifestação de amizade e camaradagem deves grata ao nosso espírito.

Também recebemos inúmeros cartões de felicitação remetidos por leitores. A todos queremos manifestar a nossa profunda gratidão, sem excepções. E se a todos nós fazemos referência — a falta de espaço com que lutamos permanentemente não permite dar a lista pernumerada de nomes, como desejaríamos — isto não significa que deixasse de calar profundamente no nosso ânimo quanto representam as boas palavras que nos endereçaram, as quais procuraremos continuar a corresponder com o nosso desejo de bem servir.

Nas referências ao banquete de confraternização, efectuado na noite de 21, no Avenida Palace, e ao qual a Imprensa diária aludiu pormenorizadamente, destaca-se, em especial, a notícia do «Diário Popular», da tarde seguinte, na qual, com o título sugestivo de Uma dádiva da revista «Stadium» para a Casa dos Vendedores de Jornais, diz o seguinte:

«Todos os desportistas que fazem a magnífica publicação ilustrada que é a revista «Stadium» se retiraram ontem, em volta do seu director, dr. Guilhermino de Matos, num jantar de confraternização, a comemorar a passagem do primeiro ano da nova fase daquella semanário. Mas, gentilmente, não quiseram ficar sós e, dirigindo vários convites especiais, fazendo-se acompanhar pelo sr. dr. José Pontes, presidente do C. O. P., e Mário de Noronha, esgrimista da melhor categoria olimpica e vencedor da C. M. L., e dos redactores desportivos dos jornais diários, transformaram a reunião numa festa de camaradagem entre os jornalistas desportivos.

O dr. José Pontes relembrou como teve começo o jornalismo desportivo, que elle impôs há quarenta e um anos, e, como o presidente do C. O. P., conversaram o director da «Stadium», Avelar Machado, o jornalista «gentleman» que chefiou a redacção da revista, Tavares da Silva, dr. Salazar Carreira e Mário de Noronha.

A revista «Stadium» quis, porém, juntar mais uma demonstração, das muitas dadas na sua curta carreira, da sua perfeita integração nas coisas do jornalismo e teve uma deferência para o «Diário Popular» que muito nos desvanecia. Não tendo sido reclamados alguns prémios de interesse para o «O» do jornal, que a época passada fez, decidiu entregar-nos a importância em aberto, mais de mil escudos, para a nossa «Casa dos Vendedores de Jornais». O dr. Guilhermino de Matos, a termos de eucónio para o indispensável e valioso vendedor de jornal, que a revista pôs em evidência na capa do número do seu aniversário, acrescentou palavras de admiração pela iniciativa do «O» do jornal, que desejou o mais completo êxito. O nosso camarada Ricardo Ornelas agradeceu a gentileza e proximamente, quando a entrega se fizer, nos acrescentaremos tudo que nos move, no nosso reconhecimento, de apreço à magnifica revista, à qual desejamos muitas prosperidades.

O «Diário de Notícias», que na aludida festa esteve representado pelo nosso amigo Rebelo da Silva, redactor daquella jornal, disse, em determinada altura da sua noticia:

A todos aquella publicação desportiva reitua num jantar a que foram associados os srs. dr. José Pontes e Mário de Noronha e representantes dos jornais diários da capital, restando a festa num agradável e muito amistoso convívio de jornalistas desportivos.

Tavares da Silva, bom amigo e excelente camarada, escreveu no «Diário de Lisboa»:

«Stadium» completou um ano de publicação nesta sua nova fase. Regojando-se com o facto, que, na verdade, alguma coisa representa, os seus dirigentes convidaram para um jantar de confraternização, não só os seus colaboradores, como os redactores da especialidade dos jornais diários e outros cronistas desportivos. O acto transformou-se, pela força das afirmações pronuzidas e pelo vinco espiritual que unia todos os presentes, numa bella festa de jornalistas desportivos que, tendo como fulcro a «Stadium», irradiou em proporções mais vastas. Como é de calcular, falou-se muito da missão da Imprensa desportiva e do critico da especialidade, salientando-se que neste jornalismo há uma especie de «mística» que nunca perde ser posta de parte.

Acêrca do discurso pronunciado pelo dr. José Pontes, estrênuo propagandista dos desportos, o nosso colega «O Século» referiu-se-lhe nos seguintes termos:

...exaltou o valor do jornalismo desportivo e os benefícios que tem prestado à causa da educação física e da beneficência e recordou alguns factos da sua vida jornalística, ao serviço do desporto, há quarenta anos.

Também a «República» se nos referiu nos

melhores termos, terminando a sua noticia com a seguinte afirmação:

...a simpática festa de confraternização decorreu no melhor ambiente de camaradagem e alegria.

Outras referências ainda:
De «Os Rídiculos»:

Festejou o primeiro aniversário da sua nova série a interessante revista «Stadium», que tem podido contar, por merecimento próprio, com a mais decidida simpatia do público desportivo.

Do «Sport Lisboa e Benfica»:

...que tem um escolhido lote de colaboradores, entre os quais se contam alguns dos melhores valores da especialidade, conseguiu firmar o seu nome mercê de uma orientação cuidada e de uma irrepreensível linha de conduta, que lhe tem grangeado inúmeros simpatizantes.

De «O Comércio do Pôrto»:

...«Stadium» organizou e publicou um número valioso e interessantissimo. Com abundantes gravuras, colaboração oportuna e apropriada, este número merece a atenção dos desportistas.

De «O Primeiro de Janeiro», do Pôrto:

«STADIUM» — Passou mais um aniversário esta excelente revista desportiva, que se publica em Lisboa. A todo o seu corpo redactorial, os nossos cumprimentos.

Do «Jornal de Noticias», também do Pôrto.

Realizou-se, ontem, um almoço de confraternização comemorativo do primeiro aniversário da apreciada revista «Stadium», o qual decorreu alegremente. Presidiu o nosso amigo e colega Mário Afonso, seu representante nesta cidade, e assistiram muitos dos seus colaboradores entre os quais Mário Dias, Eduardo Soares, Luis Marcolino, José de Magalhães, Hermann Vitorino, etc. Ao sr. brindes, Mário Afonso referindo-se ao aniversário da revista, saudou o seu director e colaboradores, terminando a festa no meio da melhor camaradagem desportiva.

Na sua habitual secção «Ecos & Factos», o nosso colega «Os Sports» fez-nos referência nos seguintes termos, que transcrevemos na integra:

Não somos de guardar reservas por factos insignificantes que podem ocorrer nesta labuta jornalística de todos os dias. Achamos mesmo que é pouco elegante e indício de inferioridade mental conservar inerte resentimentos por meras banalidades. Só os espiritos mal cultivados transformam episodios correntes em tragedias.

Por isso, não fazemos esforço nenhum — antes nos referimos ao acontecimento com grande prazer — em notificar que a revista «Stadium» festejou, no n.º 53, de 8 do corrente, mais um aniversário, o primeiro da nova série.

Para solemnizar o acontecimento, «Stadium» publicou um número especial, em que reservou duas páginas para inserir as caricaturas de todos quanto nela trabalharam e entre os quais se salientam os nossos activos e permanentes colaboradores Dr. Salazar Carreira, Reinaldo Monteiro, Diamantino Dias e Jorge Monteiro.

Ao seu illustre director, dr. Guilhermino de Matos, apresentamos sinceros parabéns, acompanhando-os de votos pelas prosperidades da publicação que orienta.

A todos, repetimos, enviamos a expressão do nosso bem sincero reconhecimento.

O nosso amigo dr. José Pontes, espirito sempre moço e cujo entusiasmo não cansa na propagação da ideia desportiva, levou a sua amabilidade ao ponto de nos enviar também um telegrama de felicitações — por si e pelo Comité Olímpico Português, do qual é illustre presidente — escrevendo-nos ainda uma carta, em que diz:

Agradeço, com um abraço forte, a gentileza do convite para a linda festa da «Stadium»; passei três horas magnificas, entre antigos e novos camaradas, todos empenhados na exaltação de uma obra comum e no aplauso ao trabalho...

Tiveram a amabilidade de nos enviar também felicitações a Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar, Associação Portuense de Hockey em Campo, Gimnásio Clube Português, Clube de Futebol «Os Belenenses» — agradecendo também a reportagem que fizemos há pouco sobre a actividade do popular clube, Clube Internacional de Futebol e Clube Atlético de Campo de Ourique, e os srs. commandante Henrique dos Santos Tenreiro, da Brigada Naval, Carlos Rebelo da Silva, dr. Karel Pott, Manuel da Silva Lopes e Pierre Charles.

TIRO AO ALVO DOIS TORNEIOS

promovidos pelo ATENEU COMERCIAL DE LISBOA e C. A. CAMPO DE OURIQUE

ESTÁ no auge o tiro reduzido, modalidade desportiva que, de dia para dia, arregaça maior numero de praticantes. A legião dos seus adeptos aumenta sempre, sintoma, afinal, de que os desportos do tiro — principalmente nesta modalidade — têm interesse. Succedem-se os torneios do genero, em sequencia que é a mais firme demonstração de que as campanhas de propaganda, levadas a effeito através do país, têm produzido benéfico resultado. São já em numero considerável as colectividades que mantem em plena acção as suas carreiras — todas ellas com frequencia animadora. Podiam citar-se aqui os nomes de algumas que muito têm contribuido para a expansão deste genero de desporto entre nós, mas não vale a pena, porque todas ellas trabalham por igual e com o mesmo objectivo. Portanto, todas são dignas de aplauso.

A frequencia de provas mantem actividade animadora, com iniciativas do mais vasto alcance. Os torneios individuais e entre clubes disputam-se quasi semanalmente. E estão de há dois ou três anos a esta parte — essas competições aumentaram, à medida que aumenta o interesse pela modalidade.

Está em curso uma prova, na carreira «dr. António Martins» — que foi um campeão do tiro de guerra — promovida pelo Ateneu Commercial e de homenagem ao sr. João Pereira da Rosa, illustre director do «Século» e sócio dedicado daquella clube. Esta prova, que tem o nome de homenagem, disputa-se pela sexta vez.

O Campo de Ourique vai também fazer disputar um torneio do genero, sendo assim — conforme se diz em nota que nos foi enviada — ao encontro do desejo manifestado por inumeros praticantes do tiro reduzido que, por várias razões, não têm querido ou podido participar em torneios, talvez por descreza nas suas possibilidades.

Estas duas competições (as provas: «João Pereira da Rosa», do Ateneu Commercial, e «António Martins», do Campo de Ourique) são interessantes manifestações de actividade, que se completam e têm o mesmo fim: a propagação do desporto. E qualquer delas — uma porque está já em curso e outra porque vai disputar-se — merecem apontamento especial.

Na prova «João Pereira da Rosa» — com carabina de calibre 22, que não possua gatilho de cabeça nem chapa de coice articulada — há duas modalidades: prova individual (de 15 tiros, em séries de 5, executados seguidamente, com ensaio, em alvo especial, até 10 tiros) e prova colectiva (de 10 tiros, em duas séries de 5, executados seguidamente). O alvo é o circular de 10 zonas, com 50 cms. de diametro por 20 cms. de visual. E a posição é a regulamentar (deitado) à distancia de 50 metros. Marcação e calepinação feita tiro a tiro, com o tempo máximo de 25 minutos para individuais e de 20 para a prova de conjunto. Os desempates são feitos de acordo com o maior numero de bases acertadas no alvo, na visual e nas zonas. A taça «João Pereira da Rosa» é attribuida ao clube que consiga triunfar duas vezes seguidas ou três alternadas, mas a miniatura do troféu é sempre ganha pelo vencedor individual. Há ainda outros prémios: medalhas de «evermelil», com palmeiras, aos componentes das equipas classificadas nos dois primeiros lugares; de prata, à 3.ª equipa; de cobre aos da 4.ª e 5.ª; medalhas de «evermelil» aos 2.º, 3.º e 4.º individuais; de prata do 4.º ao 8.º; e de cobre, do 9.º ao 15.º.

A prova do Campo de Ourique é mais simples e destina-se somente aos atiradores, de ambos os sexos, que nunca tenham tomado parte em quaisquer competições similares. É bem um torneio para iniciados...

Disputa-se a 10 tiros, com o de ensaio, na posição regulamentar (deitado), à distancia de 10 metros, tendo por alvo o circular de 10 zonas de 9,8 cms. de diametro por 9,4 cms. de visual. A arma usada é a carabina de calibre 22, que não tenha gatilho de cabeça, dioptrio ou «pomeau». Marcação, classificações e desempates serão feitos pelo processo usual, já mencionado na prova «João Pereira da Rosa». Haverá os prémios seguintes: taça de prata ao vencedor individual e taça «António Martins» para a primeira equipa classificada; medalha de «evermelil» ao 2.º; de prata, ao 3.º; prateadas, do 4.º ao 10.º; e de cobre, do 11.º até o último; taças de prata às equipas 2.ª e 3.ª; medalhas douradas e prateadas, respectivamente, para os componentes das equipas classificadas em 4.º e 5.º lugares.

O torneio do Campo de Ourique — com objectivos especiais de propaganda e captação de novos adeptos do tiro reduzido — começa a disputar-se no dia 3 de Janeiro, na carreira «Henrique José da Ponte», privativa do clube.

A nossa gentil colaboradora que se oculta sob o pseudónimo de Anabela justifica o ausencia ao banquete de confraternização com motivos imperiosos de saúde e enviou-nos um telegrama de saudação a todos os camaradas da «Stadium».

Da delegação de «Stadium» no Pôrto — camaradas fiéis, sempre presentes no nosso espirito — também se associaram à festa do Avenida Palace, endereçando-nos um telegrama de saudações, assinado por Mário Afonso, Eduardo Soares, Mário Dias, Hermann Vitorino e José de Magalhães.

Muitos dos nossos sollicitos correspondentes aproveitaram a circunstancia para nos desejar igualmente prosperidades. Entre elles, o sr. Maximiliano Andrade Rato, de Portalegre, aproveitou a circunstancia de se encontrar de passagem pela capital para nos dar o prazer da sua visita e apresentar os seus cumprimentos, gentileza que muito agradecemos.

TODOS os desportos e jogos de competição, até mesmo a ginástica, podem dar origem a acidentes, desde os mais benignos até os mais graves, bem como a estados patológicos que requerem atentos cuidados.

Luxações, fracturas, contusões, ferimentos, etc., são factos correntes nas arenas, nas pranchas e nas pistas. É frequente ouvir-se dizer a um desportista: «dei um jeito na perna», ou «torci este braço», e, ainda, «arranjei uma quebradura», atribuindo os seus males, e relacionando-os com ela, à prática de um exercício físico.

Como é óbvio, o jogo do sôco é um alômbre de acidentes. Desporto violento, ou que facilmente se torna violento, o «boxing» deixa marcados os que o praticarem com regularidade e empenho. Por esse facto, achamos oportuno passar, aqui, em revista, os principais acidentes ou lesões, não só para conhecimento do público como dos jogadores, treinadores e auxiliares.

Não daremos à exposição que vai seguir-se ordenação determinada. Apenas nos preocupar a frequência e gravidade dos sofrimentos, não entrando em pormenores científicos nem, tampouco, na análise dos tratamentos.

Dizem Braine e Ravina, na *Presse Médicale*, de 10 de outubro de 1923, ao falarem dos traumatismos peculiares do pugilismo:

«Contrariamente ao que se pensa, as lesões do homem que bate são mais graves e causam maiores aborrecimentos, em geral, do que as do indivíduo atingido por elas.» Estas lesões são as fracturas dos ossos da mão.

Poderemos identificar o jogo do sôco com as quebraduras dos metacarpos e as fracturas dos ossos e cartilagens do nariz.

Em regra, a cabeça e o corpo do metacarpo, dos dedos polegares e dos dedos indicadores

Lesões frequentes no jogo do sôco

CRÓNICA DE RAFAEL BARRADAS

são frequentemente sacrificadas. São muito raros os pugilistas que tenham os ossos da mão inteiros e sólidos. Até certo ponto, o emprêgo das ligaduras, enroladas judiciosamente, reduz consideravelmente o perigo das fracturas. O endurecimento prévio das mãos é uma técnica complicada, cujos resultados verdadeiros são ainda mal conhecidos.

O nariz é outro ponto sensível e normalmente atingido. As cartilagens internas, submetidas a percursos frequentes, quer laterais quer directas, podem soltar-se dos pontos de implantação óssea onde se acham inseridas. A cartilagem de separação, que forma o pilar sustentador da parte cartilaginosa do nariz, sob a acção de um golpe violento, achata-se. Os ossos, igualmente, fracturam-se com frequência. Em certos casos, essas fracturas originam a compressão dos cornetos e surgem complicações, tais como a falsa asma e a coriza espasmódica. O sentido do olfato atenua-se, enfraquecendo, aparecem perturbações oculares nervosas e ainda nevralgias nasais exacerbadas pelo frio (Maurice Boigey).

O remédio para tais sofrimentos está em evitar a causa, como diria... o amigo Banana. Mais propriamente, a ciência da esgrima dos punhos consegue subtrair os pontos fracos do organismo à violência dos golpes, reduzindo-se, assim, as probabilidades dos acidentes.

O ouvido e, dêste, o pavilhão da orelha, é outro órgão exposto aos traumatismos e contusões.

É do conhecimento da maioria dos nossos

leitores a orelha *couve-flôr*, dos homens da luta e do *boxing*. É característica. O pavilhão, torcido e disforme, tem o aspecto desagradável de um aleijão. Como a pele é macia e fina naquêle lugar, descola-se do elemento cartilaginoso sob a acção de repetidos traumatismos, formando-se um hematoma que faz desaparecer as circunvalações e sinuosidades.

A membrana do tímpano pode rasgar-se por efeito de um sôco violento que atinja o pavilhão. O aumento brusco de pressão, de fora para dentro, é a origem do acidente, que pode levar à surdez ou, pelo menos, ao entraqecimento da audição.

A região ocular é particularmente sensível, também. Não os olhos, porque as lvas grossas e arredondadas os protegem, mas a arcada supraciliar, que defende o órgão da vista, acha-se exposta. Embora pareçam graves, as feridas neste local não têm muita importância. Estanca-se o sangue deitando na ferida, com um conta-gotas, alguns pingos de uma solução de cloreto de adrenalina, a um por mil (*Safety in Athletics*, Lloyd, Deaver e Eastwood).

Na face, as contusões mais graves são as dos lábios e da língua. O uso de um protector de borracha reduz consideravelmente a importância dessas lesões. No entanto, se as feridas dos lábios sangrarem sem interrupção e sem possibilidades de serem estancadas, impõe-se a interrupção do combate.

Nêste breve resumo se denota que o pugilismo traz consigo bastantes contrariedades e seus defeitos. Quer os profissionais, quer os amadores, devem ter isso presente no seu espirito, lembrando-se também de que uma insinificante lesão pode redundar em grave moléstia. A consulta de um médico, feita a tempo — é sempre da maior utilidade.

OITO MESES DE CICLISMO EM 1943

Balanço de uma época pouco lisongeira

TERMINOU oficialmente em 15 de Novembro a época de corridas de 1943. Queir dizer que até 15 de Março do próximo ano só serão permitidas, entre nós, competições de pista, «cross» ou provas de regularidade.

Assim acabou mais um temporada de corridas, igual a tantas outras que a velha U. V. P. orientou tecnicamente desde 1901. E assim se chegou ao momento de fazer o tradicional balanço...

Uma simples análise retrospectiva à actividade ciclista dêsse periodo de oito meses — o tempo que durem a época de 1943 — demonstra que, infelizmente, o ciclismo português não teve um «bom ano», quer sob o ponto de vista tecnico e atlético, quer sob o aspecto própria-mente desportivo.

Foi melhorado apenas um «récord» — o da prova de campeonato — quando em 1942 haviam sido batidos três: 170 quilómetros, 100 quilómetros contra relógio e Pôrto—Lisboa. Não houve revelações nem tampouco surgiu qualquer desconhecido que mostrasse ter estôfo para se guindar à categoria de «as». O movimento, no conjunto, acusa menos 8 corridas que em 1942.

No ano passado houve 19 provas para independentes, 7 oficiais e 12 particulares. Na época que findou apenas se disputaram 6 corridas da U. V. P. e 5 de organização privada.

A que pode atribuir-se semelhante quebra de actividade e tão pobres resultados tecnicos? A má orientação ou desinteligencia entre entidades directivas? A carência de material necessário aos corredores? Ao número relativamente reduzido de praticantes?

Julgamos sinceramente que não são êstes os únicos «casos» que contribuíram para o pouco mérito da época ciclista concluída há pouco. Esse reduzido mérito deve-se, na quasi totalidade, às circunstâncias do momento que atravessamos — e até à simples consequência dessas circunstâncias.

Houve, incontestavelmente, falhas na orientação global do ciclismo. Verificaram-se também alguns lapsos absolutamente evitáveis. No entanto, já em outras épocas se verificaram tais deficiências — e nem por isso a velocidade deixou de progredir.

Este ano surgiu uma série de factos que, tendo-se desenhado já em periodos anteriores, atingiram agora o seu ponto culminante. E a

consequência dessa acumulação de males não se fez esperar. Explicuem-nos

O ciclismo não é modalidade desportiva que dê lucros, pelo menos na maioria das suas manifestações. Vive de meia dúzia de apaixonados constantes e do esforço de outros, de carácter adventício, criados pelo entusiasmo provocado mercê de organizações singulares. Também se verifica por vezes certa entreajuda, filha do interesse suscitado por estímulos de ocasião e rivalidades excepcionais.

Como em Portugal não predomina ainda — nem sabemos se chegará a predominar — a idéia vulgarizada em outros países de ser o ciclismo, sem dúvida, das modalidades que melhor servem a propaganda de qualquer manifestação de actividade regional, desportiva ou festiva; como nos últimos anos não tem havido organizações de vulto como foram a «Volta a Portugal», o «Grande Premio Olympique», o Circuito Internacional, o Circuito da Beira, etc., corridas que galvanizavam o publico, fomentando entusiasmo que redondava em carinho pela modalidade; como nos últimos tempos não têm aparecido elementos de valor, que espemem as simpatias populares, fazendo-as entrechocar apaixonadamente — recordem-se os casos de Nicolau-Trindade, César-Marquês e Felipe-Aguiar da Cunha; e como sucedeu ainda não ter havido regiões orgulhosas de possuir ciclistas de nomeada, nas quais sempre aparecia quem instituisse prémios e organizasse provas, base de todo o movimento velocipedico — sucedeu que todas as fontes de energia, que podiam insuflar vida ao ciclismo, se extinguíram ou afrouxaram nos seus recursos, atrofiando-se desta forma as condições de existência do nosso ciclismo.

O mal deve ser passageiro, pois já por diversas vezes, com sintomas identicos ou diferentes, tem atacado a velocipedia. É susceptível de cura, portanto.

O momento é, todavia, mau para se tentar com a segurança a obra de resurgimento dêste belo desporto.

Tudo isto não nos desobriga de fazer o balanço de uma época pouco feliz e de assinalar o que de bom ou de mau teve a velocipedia neste ano de graça de 1943.

Continuaremos, mais de espaço.

GIL MOREIRA

XADREZ

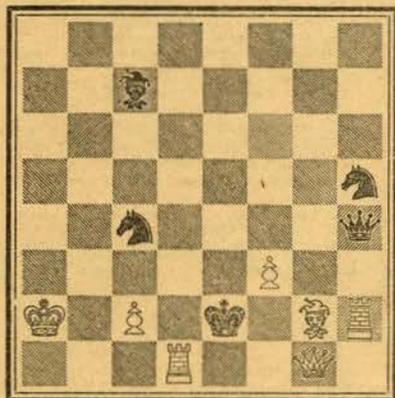
Diracção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez»

PROBLEMA N.º 9

Revista Romena, 1935

G. Gosman



1.º prémio

Mate em 2 lances

Solução do Problema n.º 7 (inédito): 1. C-f2.

Êste desprezicioso «meredith» (vidé «Stadium» n.º 27 e 32) apresenta duas variantes principais, baseadas na auto-obstrução da casa d5, que intercepta simultaneamente o raio de acção da Td2: 1... Bd5; 2.Cxd7. 1... d7-d5; 2 Bxe7.

Solucionistas — Ernesto Sanchez, Alex ndre Saraiva, L. Ventura, Orlando Casimiro dos Santos, A. David, J. Lopes Correia, Alberto Mesquita, Manuel Henriques, drs. Joaquim Monteiro e G. Ribeiro, Fernando Alves Pires, João Baptista, Rui de Sousa Martins e Francisco Gomes, de Lisboa; Hans Schneider,

(Conclui no pág. 14)

NA 4.ª JORNADA



Em cima e ao lado: duas fases do jogo SALGUEIROS-ACADÊMICA — Um remate de Lemos, o excelente avançado dos estudantes, e o ataque dos «encarnados» actuando na grande área dos visitantes. (fotos Hermann)



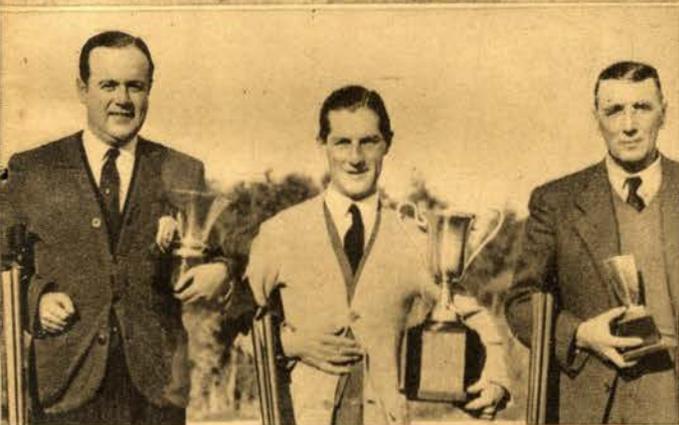
ATLETICO-BELENENSES: Armando Jorge lança-se nos pés de Mário Coelho. Sem evitar por completo o remate, consegue, no entanto, desviar a bola para «canto».



HANDBALL — Começou a nova época com o "Torneio de Preparação". As gravuras mostram duas boas fases de jogo entre o Benfica e o Unidos, ganho pelos "encarnados"



← **TIRO AOS POMBOS** — Os vencedores das taças "Moura Bastos", "Atiradores do Norte" e "Extra", respectivamente, a contar da esquerda, Manuel Padeira Jr., Moura Bastos e J. Martins Branco



Ecos do «Concurso do «goal» da Vitória»

«STADIUM» ENTREGOU 1.554\$00 AO «DIÁRIO POPULAR»

para a «Casa dos Vendedores de Jornais»

Como se anunciou no nosso jantar de confraternização, o valor dos prémios não reclamados no «Concurso do goal da vitória», na importância de 1.554\$00, foi oferecido ao «Diário Popular», com destino à sua bela iniciativa da «Casa dos vendedores de jornais». O nosso director, acompanhado de J. Soares, administrador da «Stadium», Avelar Machado, chefe de redacção, e Rafael Barradas, nosso companheiro de trabalho, procedeu pessoalmente à entrega do donativo.



Os agradecimentos de Fernando Teixeira ao nosso director, em nome



Em agradável colóquio

O relatório do Clube Nacional de Natação

TEMOS sobre a nossa mesa de trabalho o relatório e contas do conselho directivo do Clube Nacional de Natação. É um documento notável, que exprime com eloquência os esforços feitos pela colectividade em busca de instalações próprias, após a saída da doca de Alcântara, e os inúmeros problemas que teve necessidade de resolver desde 1941.

Descoberto, porém, o terreno da rua de S. Bento, o Nacional entrou em nova fase da sua existência. E do que foi necessário vencer, à custa de sacrifícios incalculáveis, conta-o o relatório em capítulos sucessivos.

No campo desportivo, apresenta dados interessantes, que é curioso comparar.

Em 1941, apesar da abertura das escolas de natação se efectuou só em 15 de Setembro, a frequência foi de 110 alunos.

Em 1942, a frequência de iniciados foi já de 694 alunos, com o total de 7021 instruções. Passaram para o aperfeiçoamento 155 alunos, a quem foram ministrados 1322 lições.

O «basket-ball» tem, a partir de 1941, grande incremento no Nacional, em virtude de se terem tornado possíveis os treinos nocturnos. Igualmente merece referência a introdução do «volley» dentro do clube, secção esta que foi dirigida e orientada tecnicamente pelo dr. Aurélio Quintanilha.

A secção de salvamento continua mantendo, sem desfalecimentos, o mesmo entusiasmo de há 24 anos.

Dentro de outro aspecto, agrada registar também, pelo que representa de contributo para uma obra completa e sã, a criação e o desenvolvimento da biblioteca.

O movimento de sócios em 1941 e 1942 é elucidativo: existentes em 31 de Dezembro de 1941: 980; em 1942: 1.298.

Como facilmente se depreende destes simples tópicos, o clube, a que Gustavo Pereira da Costa dedicadamente preside, atravessa uma época de franco progresso, vencida como foi a crise, em 1940/41.

Daqui o felicitamos, aproveitando o ensejo para agradecer as palavras amáveis endereçadas a «Stadium», na parte final do relatório.

Dr. Jorge César Oom

Acaba de ser promovido ao posto de major este nosso querido amigo, distinto oficial da arma de engenharia e professor da Escola do Exército. O dr. Jorge Oom, que pratica vários desportos, é actualmente o detentor dos campeonatos nacionais de florete, espada e sabre.

XADREZ

(conclusão da pág. 11)

Algés; F. José Lupi, Pedrouços; Eduardo Silva, Diamantino Viegas e António Marques, do Pôrto; José Pinto de Coimbra; A. Pinto Neves, Figueira da Foz; Carlos Cunha, Bragança; A. Pereira, Faro: «Latino», Alcobaca; e António Lopes, de Ovar.

Correspondência

António Lopes, Ovar — Gratos pelos aplausos dispensados. Apraz-nos sempre registar o interesse crescente que o «nobre jogo» desperta em terras da província, removendo os obstáculos naturais que a falta de contacto provoca. Dar-nos-emos por muito felizes se alguma coisa de útil «Stadium» puder fazer pela causa do xadrez nacional. A empresa que nos propuzemos efectivar desenvolve-se lentamente, é certo. Mas confiamos na verdade do célebre ditado: «devarar se vai ao longe»...

J. Augusto Alexandre, Sagres — A chave que indicou não resolve o problema por causa da defesa: 1...., T-e2. De resto, a análise do problema em questão é-tá correcta, exceptuando, é claro, o lapso da variante citada.

João Braz, Portimão — Queira ler, no número anterior da «Stadium», correspondência a J. M., que lhe diz respeito.

HANDBALL

O TORNEIO DE ABERTURA NA SUA PRIMEIRA FASE

A-PESAR do tempo péssimo que esteve no domingo, a jornada inaugural do «Torneio de Abertura» cumpriu-se integralmente — e se a qualidade do «handball» praticado não foi da melhor, já porque os campos não ajudavam, já porque a forma dos grupos não está ainda apurada, fica pelo menos a certeza de que existe vontade firme de recuperar o tempo perdido.

Como havíamos dito, a prova reúne a participação dos oito clubes que nesta época se dedicam à modalidade Belenenses, Unidos, Os Treze e Estoril Praia, que venceram, respectivamente por 2-1, 4-1, 2-0 e 9-1, o Sporting, Benfica, Marvilense e Internacional.

Os quatro «sobreviventes» entrarão no novo sorteio a realizar, que os ordenará para os jogos da meia final, a efectuar no próximo domingo.

Leves comentários nos são surgeridos pelos desafios levados a efeito no passado do ningo, integrados, como dissemos, na primeira prova deste torneio. A salientar, sobretudo, a reaparição do «Cif» e a novidade do Estoril Praia em jogos de «handball», notando-se que o primeiro teima no seu ideal de clube puramente amador e que o segundo vai repartindo a sua actividade pelos desportos a que convencionaram chamar «pobres». Um e outro merecem aplausos pela sua dedicação ao «handball».

Comentar, porém, todos os encontros efectuados, é tarefa que nos ficou vedada pela defeituosa marcação dos jogos, pois todos foram disputados a horas quasi semelhantes e em campos distanciadíssimos. Melhor teria sido para a propaganda da modalidade realizá-los a horas diferentes e em campos próximos, se não fosse possível efectuar-los todos no mesmo local. Ficariam os grupos sem a vantagem de jogar no seu campo, mas beneficiaria o «handball» sob o aspecto assistência — e o cronista na sua função de apreciar todos o teams em actividade. São pormenores que merecem ser devidamente tomados em consideração, quando para tal haja oportunidade; por isso, aguardamos que a próxima jornada — comportando apenas duas partidas — seja ordenada desse modo, indiscutivelmente vantajoso.

Um apontamento acerca dos vencidos da primeira jornada, especie de prémio de consolidação para torneios futuros... De entre os quatro eliminados, é de justiça lamentar a sorte do Sporting, team que podia aspirar a ir mais longe. O sorteio foi, porém, de uma crueldade demasiada, colocando-o em frente do Belenenses, o qual, apesar de desfalcado, ainda pode pensar em repetir a proeza do ano trasacto.

Benfica, Marvilense e Internacional são, porém, clubes de características tão diferentes — tendo cada um o seu caso pessoal — que deixamos, a seu respeito, a palavra reservada para crónicas futuras.

ALVARO GASPAR

O CAMPEONATO DA TERCEIRA DIVISÃO DA A. F. DE LISBOA

ATÉ onde conseguirá ir o Desportivo Operário? Nesta interrogação reside, de momento, o principal interesse do torneio n.º 3 da A. F. L. De facto, o Desportivo Operário, ainda há dois anos componente do quadro de clubes que disputavam o campeonato da Promoção, e que não teve, na época passada, comportamento que justificasse classificá-lo este ano como um dos favoritos, encontra-se à frente da classificação do núcleo liboeta.

É certo que é mínima a distância que o separa dos seus mais perigosos adversários, mas, mesmo assim, o facto merece ser assinalado.

Que fará, todavia, no decorrer deste mesmo campeonato, tão dado a surpresas e imprevistos? O futuro o dirá...

Olivais e Palmense seguem nos lugares de honra. Os rapazes dos Olivais vêm novamente para a prova com fundadas esperanças no título. É uma velha aspiração. O grupo deste ano, com ligeiras alterações, é o mesmo do ano passado e está em boa «forma».

Antecicimentos da semana

ACTOS DE POSSE — Tomaram posse dos cargos para que ultimamente foram eleitos, os corpos gerentes das Associações de Basketball e Handball de Lisboa, do Hockey C. F. do «Cif» e do Belenenses.

«BASKETBALL» — O Ateneu Comercial promoveu uma festa, no seu campo, de homenagem póstuma ao seu saudoso e dedicado jogador António Martins. Efectuaram-se três desafios e disputaram-se as taças «Gratidão», «Nita Martins» e «António Martins, ganhas, respectivamente, pelo Benfica, Ateneu e Sporting. Resultados: Sporting-Ateneu, 33-27; Benfica-Caraba, 29-27; Ateneu-Sporting (veteranos), 24-15.

As equipas de antigos jogadores alinharam: dr. Pina Lopes, Luis Rodrigues, Vasco de Almeida e Machado dos Anjos, pelos acclitadas; Manuel da Silva, José Abreu, Corroia Cesar, Dias Pereira, Luis Campos e António Fontaliba, pelas sportingistas.

— O Instituto Superior Técnico recebeu no seu campo o «team» do I. N. E. F., perdendo por 24-45.

CICLISMO — Em Antuérpia disputou-se um «match» entre o francês Gérardia e o heiga Scherens, ganhando o primeiro.

Uma equipa continental, constituída por José Martins, José de Albuquerque, Ezequiel Lino, Manuel de Almeida e António Pauls, tem disputado várias provas nos Açores com o mais completo êxito, a última das quais no dia 17 mas só com os três primeiros.

ESGRIMA — Pomes ganhou o campeonato de Espanha, ao sabre, conquistando a taça «Generalissimo».

FUTEBOL — Começou a disputar-se o campeonato nacional corporativo, verificando-se, no núcleo de Lisboa, os resultados seguintes: Moagens de Rama-Material de Engenharia, 2-1; Papelaria Fernandes-Espirito Santo, 2-2; Gás e Electricidade-Fábrica Gaiotas, 4-0; Fábrica Portugal-Correios, Telégrafos e Telefones, 4-1; Fáb. Loça de Sacavém-E. G. Transportes, 7-1; A. P. Lisboa-Armazém do Chiado, W. O.; Estabelecimentos Herold-Programa Mecânica, 4-1; Aparelhagem Eléctrica-Serviços Aéreos, 3-1.

— O Internacional jogou com o Ateneu Comercial, para a taça «Pitão Caldeira», ganhando por 5-3.

— A equipa da Empresa Nacional de Fertilidade («Diário de Notícias») fez a sua estreia, batendo a da Casa Alvarez por 2-0.

«GOLF» — No Estoril disputaram-se os primeiros jogos de equipas da nova época, defrontando-se Estoril (B-Caravellas 7-7) e Estoril (A)-Lisboa Clube.

HOMENAGENS — O Clube Naval promoveu um banquete em honra do sr. Joaquim Leite, seu comodoro e dedicado propagandista dos desportos náuticos, que pratica há cerca de 40 anos.

NATAÇÃO — No Estoril disputaram-se, com interesse idêntico ao das anteriores, as provas correspondentes à penúltima jornada do Torneio de Inverno. Ficaram vencedores: Nuno Salvação Barreto, com 20 s. 7/10 em 33 m. livres, rapazes; Francisco Ribeiro Salgado, com 1 m. 12 s. 3/10 em 100 m. livres, principiantes; o jútor; Eduardo Câmara e Sousa, com 1 m. 25 s. 7/10 em 100 m. b. uços, sócios do E. P.; João José Mira Gomes, com 5 m. 37 s. em 400 m. livres, seniores; Fernando Chaves, com 1 m. 14 s. 7/10 em 100 m. livres, sócios do E. P.; Heli Heytman, com 3 m. 44 s. 4/10 em 300 m. brucos, senhoras; Azevedo Julio, João José Mira Gomes, Fernando Ribeiro Salgado, Fernando Carmo e Fernando Cisneiros, com 2 m. 4 s. 4/10 em 200 m. livres, inscrição livre.

Todos os vencedores pertencem ao Estoril Praia, que continua à frente da classificação geral, com 65 pontos, seguido do Belenenses (36), Sporting (26), Alhandra e Nacional (12) e Atlético (15).

— Em Hamburgo, Harry Hiltinger percorreu 100 metros livres em 1 m. 2 s. 7/10, a melhor «marca» do ano.

TENIS DE MESA — Concluiu-se a primeira eliminatória da taça «Aniversário», organização da S. F. Alunos de Apolo. No torneio de voltação, Combatentes tem 42 votos, seguido do Benfica, com 24.

— Organizada pelo «Cif», começou ontem a disputar-se a taça «Joaquim Nunes dos Santos», no sistema da taça Internacional «Davis».

TIRO AO ALVO — Promovida pela S. T. 2 principiou a disputar-se, na carroira «Verqueira-Dueta Soares», a taça «António Montes».

— Começou no Ateneu Comercial a sexta disputa da taça «João Pereira da Rosa», em homenagem ao director de «O Século», o dr. Ayala Botto, com 150 pontos, 162, na sessão inaugural, o primeiro máximo, e José Antunes Guimarães, de Braga, fez 149.

TIRO A CHUMBO — No «stand» do Lumiar efectuou-se o XVII campeonato de Portugal, aos pombos, instituído pelo «Diário de Notícias», em 1927, com organização do Clube Português de Tiro a Chumbo.

«VOLLEYBALL» — No gimásio do Instituto Nacional de Educação Física disputou-se um encontro entre o grupo daquele estabelecimento de ensino técnico e a Faculdade de Direito, vencendo o primeiro por 2-1.

XADREZ — No torneio do Hockey C. F., que entrou na sua fase final, o nosso colaborador J. Casimiro Vinagre é o «leader» da classificação geral.

O Palmense, campeão da época passada, teve já de ceder um empate e conhecer o trazo da derrota. Todavia, a avaliar pela exibição de domingo último, o «team» revela ter possibilidades para ir mais além. Venceu sem dificuldade o Amoreiras, por 2-1, com 2-0 à primeira parte, e se não fez resultado mais volumoso, foi devido à magnífica exibição do guarda-redes do grupo dos Amoreiras, pouco vulgar entre elementos da 3.ª Divisão.

O Palmense, com dois bons defesas e com uma sólida linha média, pode — uma vez «afinada» a linha da frente — repetir a proeza de 1942.

«Team» das Amoreiras é apertado e embora sem pretensões, com vista ao primeiro lugar, deve proporcionar desafios animados e dar que fazer até às equipas mais bem apetrechadas.

No núcleo de Cascais, onde a competição está a decorrer com muito brilho, o Parade segue à frente da classificação. Oeiras e Sintrense são, no entanto, adversários perigosos, que espantam o mais leve desleixe do «leader»...

— A. T.

FALANDO À STADIUM

VITOR GUILHAR, afirma:

— Tenho pelo F. C. Pôrto a maior dedicação!

FOMOS encontrar em pleno treino, no Campo da Constituição, o conhecido defensor internacional — o jogador mais discutido dos últimos tempos. Em sua volta fizeram-se os mais variados comentários e a sua atitude, dúbia para muitos, mas clara para os que estavam senhores do assunto, não foi mais do que o reflexo dos seus sentimentos de dedicação e amor clubista.

«Portista» 100 % — na frase tão vulgarmente usada — Guilhar, num dos intervalos do treino, confiou-nos as suas impressões e o seu desgosto pelo muito que se escreveu — e inventou — em volta do seu nome. No entanto, é evidente a sua satisfação por envolver, de novo, a camisola «azul-branca». Di-lo, exuberantemente, a maneira como acaricia o «jersey», como que a dar ao seu espírito a certeza de que é ele, e não outro, que o seu corpo de atleta enverga. Afirma-nos com satisfação:

— Tenho pelo F. C. Pôrto uma admiração que é o reflexo do orgulho que sinto quando defendo as suas cores no campo da luta.

— Mas estava disposto a trocar a sua equipa por outra mais garrida, não?

— Ninguém melhor do que você sabe o desgosto que eu sentia ao largar as cores que me fizeram campeão. Não podia estagnar, a não ser que quisesse abandonar o futebol de vez. Achava-me novo, ainda, para isso. E em face

do «mal entendido» que existia — consequência de afirmações mal pensadas ou pretenciosas — iria defender as cores de outro clube com a mesma verdade com que lutei por estas!

— Com a mesma fé? — inquirimos audaciosamente...

Guilhar pretende rodear a pergunta ao retorquir:

— Com a mesma honestidade, sim porque fé ou entusiasmo era coisa que eu não poderia dar, pelo menos para já. Cumpriria o meu dever de jogador, cujo passado tinha obrigação de defender — por via de um nome feito, dizem os jornalistas, à custa do meu sacrifício!

Não queremos abordar a sua ida para o Salgueiros Mas Guilhar antecipa-se-nos — ou não fosse ele defensor... — e diz-nos:

— O episódio da minha ida para o Salgueiros — porque é um episódio na minha vida de jogador de futebol — teve uma conclusão inesperada. Desde o primeiro momento que me senti deslocado. Ambiente diferente daquele a que estava acostumado... Bem sei que tive a rodear-me a afabilidade de alguns dos dirigentes, mas a verdade é que aquele campo... aquela camisola... — tudo «aquilo» não era do F. C. Pôrto!

«Por outro lado, a vontade de que eu envergasse a «camisola encarnada», no meu primeiro jogo, logo contra o meu antigo clube, veio dar-me a conhecer o muito que eu queria ao F. C. Pôrto. Era-me impossível ver aquelas «cores» lutar contra mim... Não o podia fazer!... Não quisemos interromper. O popular jogador continuou:

— Vieram, então, as primeiras diligências para que eu voltasse ao seio do clube. Acedi, porque era esse o meu sincero desejo. Foram dias horríveis, que passei debaixo de nervosismo atroz, até que o assunto ficasse devidamente arrumado.

— Felizmente tudo está resolvido...

— Sim, é certo... Mas não sem que muita e muita coisa se inventasse, com interesses que não compreendo. Mas seja como for; cá estou outra vez no F. C. Pôrto!

— Para nunca mais sair? — inquirimos, já na despedida.

— É esse o meu pensamento — e o meu mais veemente desejo!... — respondeu ao apertar-nos as mãos...

Jogou, precisamente, no dia do Pôrto-Salgueiros, sem relutância... de envergar a camisola encarnada. A interior-direito, cumpriu.

— Houve «alarme» arrepiante na falange do Boavista, com o jogo do campeonato nacional, no Bessa, com o Infesta. Mas a Providência encarregou-se de modificar «as coisas» — para o grupo do Boavista...

— Deu muita «branca» o cenário directivo, discutido num café da Baixa, entre duas individualidades do Salgueiros. Um dos «alveja-dos», muito amigo do clube da rua Manuel Laranjeira — Elias Lopes Rodrigues — afastou-se dos assuntos salgueiristas.

— Não tem consistência técnica o protesto do Tirsense. Havia, pelo menos, no campo, uma pessoa a controlar o trabalho do árbitro da comissão distrital — o secretário geral da Associação de Futebol do Pôrto. Nessa tarde, Aní-zio Morgado tinha melhor disposição para dirigir a partida...

— Um conselho técnico do Salgueiros, de três nomes: José Pereira, José de Almeida e Aníbal Jacinto. O «comandante» geral tem «pinta» para dar à equipa do Salgueiros a confiança necessária e impôr disciplina... A formação contra o Pôrto é já um bom prenúncio para o «trio»...

O PASSADO DIZ...

«**C**ADA cabeça, sua sentença» — diz um aforismo, e com toda a propriedade. Dificilmente se pode satisfazer tudo e todos, por mais que se queira, pois os descontentes são um mundo de incompreensão...

Recorda-nos, dos tempos da escola, a conhecida poesia, que tantas vezes lemos, intitulada o «O velho, o rapas e o burro». Nos seus versos pretendia o autor demonstrar a falta de lógica dos seres humanos, que tanto querem como não, para os quais todas as razões postas não correspondem... à razão dos outros!

Vem este comentário a propósito do muito que se disse a respeito do facto de o F. C. Pôrto não dispensar um jogador que foi seu, que transitou para outro clube — pelo qual não chegou a alinhar — e que regressou ao seio da colectividade a que pertencia.

Para muitos, era disparatada a determinação da gerência desse clube, pois servido como estava já na sua defesa por três elementos, poderia dispensar, sem grandes «aqueças», alguém que, por outro lado, era julgado indispensável por uma direcção de visão larga e com a experiência do passado.

Fomos dos que achámos justa a pretensão desses directivos, pelo facto de não nos ter esquecido a lição dos tempos.

O F. C. Pôrto passou, ainda há bem pouco tempo, transe aflictivo, quando Bela desapareceu e Valongo sofreu lesões graves. Ninguém poderia prever um facto dessa natureza. Mas deu-se, com todo o seu cortejo de arranjos de momento e de atropalhadas...

Havia, portanto, uma indicação. E a direcção do F. C. Pôrto, julgando pelo melhor critério, entendeu — e muito bem — que não seria erro poder dispor de duas parselhas de defesas, em vez de uma completa e... outra manca...

Mas o futuro haveria de dar, mais uma vez, razão aos que pensavam melhor. Estão à vista os resultados. Praticamente, o F. C. Pôrto tem agora dois defesas magoados, um deles de quarentena por largo tempo, na opinião clínica, e outro ainda em estágio forçado, até melhorar.

E aí está como rapidamente, num jogo particular, o F. C. Pôrto se viu reduzido de duas unidades com que contava para o seu grupo de honra, muito embora as restantes tenham valor para ocupar esse posto. Felizmente que desta vez os grupos de reserva não são obrigados a entrar no campeonato nacional da 2.ª divisão. Se se continuasse dentro das normas regulamentares da época finda, onde iria o F. C. Pôrto buscar elementos com proficiência e conhecimentos para suprir a falta dos dois jogadores?

As lições que os tempos dão aos homens são para que delas se tirem as ilacões precisas, para não se recair em erros cometidos.

Por certo que, neste momento, os que viam mal o reaparecimento de um jogador no grupo seu favorito, devem aperceber-se da razão que assistia a quem julgava melhor e com mais persistência.

Muitas vezes a nossa razão — não é a razão colectiva. Olhamos as coisas por certos prismas, crendo serem esses os mais acertados, e depois reconhecemos que assim não é...

E como o futuro só a Deus pertence, devemos acreditar, relativamente, naquilo que o passado diz...

MÁRIO AFONSO

Uma carta

De um nosso leitor portuense, o sr. José Lopes, recebemos uma extensa carta na qual apela entusiasticamente a campanha desenvolvida, nas nossas colunas, por Eduardo Soares, em prol do atletismo no Pôrto. Os nossos agradecimentos.

Bicicletas «FLECHA»

A GRANDE MARCA
DOS CAMPEÕES



VITORIA (S.)-
F. C. PORTO:
Uma jogada a
meio campo de in-
discutível beleza
(foto J. Manique)



BENFICA-VITORIA (G.): Machado entra decididamente em acção apesar
da carga do infatigável Teixeira (foto C. Madeira)



ATLÉTICO-BELENENSES: Uma defesa de Armando Jorge sobre remate